

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS

CURSO DE JORNALISMO

LUCAS RIGOTTI BERRETTA

**Entrelaços Paulistanos:
Crônicas em uma cidade apaixonante**

São Paulo

2/2021

LUCAS RIGOTTI BERRETTA

**Entrelaços Paulistanos:
Crônicas em uma cidade apaixonante**

Relatório final do TCC II (Trabalho de Conclusão de Curso), apresentado ao Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, para obtenção do título de bacharel em jornalismo, sob a orientação do Prof.^o Doutor Anderson Gurgel

São Paulo

2/2021

Este Trabalho de Conclusão de Curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade de seu autor.

Este trabalho é dedicado aos meus pais que sempre estiveram ao meu lado apoiando os meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Wagner e Zuleica, por sempre estarem ao meu lado e ajudaram a seguir os meus sonhos com muito amor. Agradeço a minha avó Hermínia por todo carinho. Agradeço a minha tia Juliana por ser uma inspiração no jornalismo e na vida; a todos os meus tios e tias e demais parentes.

Agradeço ainda todos os meus parentes que infelizmente não puderam ver aonde cheguei, mas com certeza estão orgulhosos em algum lugar: Edson, Maria Lídia, Miguel, Nenô e Univaldo.

Agradeço a todo o corpo docente e demais funcionários do Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, por toda a dedicação ao longo dos quatro anos da graduação. Em especial, ao orientador deste Trabalho de Conclusão de Curso o Prof^o. Doutor Anderson Gurgel que acompanhou minha trajetória acadêmica desde início. Agradeço também a Prof^a Doutora Marcia de Toni que foi essencial na escolha do tema, formato e referências durante as orientações de pré-projeto. Agradeço ainda os professores: Doutor Hugo Harris; Doutor José Mauricio; Doutor Vinicius Prates; Mestre Arnaldo Lorençato e Mestre Fernando Pereira.

Agradeço a todos os meus amigos do curso de jornalismo. Em especial, os alunos que ingressaram durante o primeiro semestre de 2018 nas turmas “D” e “J” e com muito carinho e apreço a D12 que foi minha casa do primeiro ao último semestre. Agradeço ainda meus amigos e amigas: Barbara Sousa; Bruna Rios; Carol Priami; Felipe Gustavo; Giulia Alecrim; Geovani Bucci; Julia Beraldi; Laura Quadros; Marina Fusco; Patricia Vilas; Urtzi Luppi; Zeinab Bazzi;

Agradeço aos meus amigos que me acompanharam desde o ensino médio e sempre estiveram ao meu lado quando precisei: Daniel Turina, Gabriel Sartori, Leonardo Ribeiro, Luís Felipe, Matheus Barbosa, Rafael Tadim, Vitor Hugo.

Agradeço por último a todos aqueles que fizeram parte deste projeto de alguma maneira, desde daquelas que indicaram uma história até aqueles que contaram suas histórias e permitiram que as mesmas estivessem no livro.

“O grande poeta e o grande romancista estão num pedestal no parque. O grande cronista não está no pedestal, mas sentado no banco da praça com a gente.”

Prates, Vinicius

RESUMO

Este relatório propõe um estudo sobre o gênero literário crônica, a cidade de São Paulo e a figura do *Flâneur*, em especial, a desenvolvida pelo jornalista Paulo Barreto através da figura de seu pseudônimo João do Rio no início do século XX. Para isso autores como Massimo Canevacci e Sergio Roberto Massagli foram essenciais no referencial teórico. A partir destes estudos foi possível produzir um livro de crônicas narrativas intitulado **Entrelaços Paulistanos: crônicas em uma cidade apaixonante**. O livro relata histórias de amor construindo uma visão contemporânea da cidade de São Paulo.

Palavras-chave: Crônica; São Paulo; Amor; *Flâneur*

ABSTRACT

This report proposes a study on the chronicle literary genre, the city of São Paulo and the figure of Flanêur, in particular, the figure developed by journalist Paulo Barreto through his pseudonym João do Rio at the beginning of the 20th century. For this, authors such as Massimo Canevacci and Sergio Roberto Massagli were essential in the theoretical framework. From these studies it was possible to produce a book of narrative chronicles entitled **Entrelaços Paulistanos: crônicas em uma cidade apaixonante**. The book shows love stories in a way that builds a contemporary vision of the city of São Paulo.

Keywords: Chronic; São Paulo; Love; Flanêur

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REFERÊNCIAL TEÓRICO	12
2.1 São Paulo, Pessoas e o Flâneur	12
2.2 Crônica, Jornalismo e Livro Reportagem	16
3 PLANEJAMENTO DE PEÇA.....	18
3.1 Concepção Inicial	18
3.2 Linguagem e estilo da Peça	19
3.3 Organização Narrativa	20
3.4 Fontes	20
3.5 Providências de produção.....	21
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS.....	23

Introdução

As cidades são repletas de histórias, sonhos, visões, amores, decepções, caminhos, vitórias e derrotas. São Paulo, a maior metrópole da América Latina, é composta por mais de 12 milhões de pessoas, logo, há diversas histórias para serem contadas, apesar de nem sempre serem visíveis, pois, por muitas vezes, estão escondidas dentro de cada indivíduo. “Sampa” tem muitos relatos para serem escritos.

Um dos tipos de escrita mais utilizados para comentar algo, seja um local, uma pessoa ou situação, é a crônica. Um conceito amplamente utilizado e descrito em aulas e sites educativos.

Conjunto de notícias, falsas ou verdadeiras, sobre alguém ou alguma coisa ou uma seção em jornal ou outro periódico assinada, na qual o autor expõe suas ideias e tendências sobre arte, literatura, assuntos científicos, esporte, notas sociais, humor etc. (Michaelis online).

No senso comum descreve-se crônica como um gênero literário que consiste em textos curtos, breves e banais sobre o cotidiano vivido no mundo urbano, normalmente são histórias corriqueiras que retratam e criticam algo da sociedade. Tais textos são comuns em publicações jornalísticas como revistas, jornais e de forma oral em rádios ou televisões.

Dentro desse estilo há diversos subgêneros como: a crônica ensaio; a poética; a humorística; entre outros tipos. Neste trabalho o foco dos estudos será nas crônicas narrativas, descritivas e nas popularmente conhecidas como textos de *flâneur*. Um dos principais escritores que retrata esse estilo é o Jornalista Paulo Barreto, mais conhecido como João do Rio, pseudônimo dos seus escritos que retrataram a antiga capital do país, Rio de Janeiro.

Ao longo deste contexto se definiu que este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo principal realizar um livro com uma série de crônicas narrativas, descritivas e de *flâneur* que busquem retratar a cidade de São Paulo por meio de histórias de amor na cidade e pela cidade; para isso será necessário como objetivo secundário compreender a maneira de apresentação dos personagens, de ambientes e das histórias por meio dos textos de João do Rio e Eliane Brum.

A partir desse objetivo principal e do contexto geral formulou-se tal situação problema para a realização do projeto: Como retratar a cidade de São Paulo por meio de histórias de amor utilizando-se de crônicas?

Para este referencial teórico, a metodologia tem como foco os estudos bibliográficos, em especial, dos livros de João do Rio e Eliane Brun como: “A alma encantadora das ruas” (1908) e “A vida que ninguém vê” (2006). Ainda consiste na pesquisa por meio de artigos e teses sobre o gênero literário: crônica e, também, sobre a figura do *flâneur* durante os séculos XIX e XX e a adaptação digital no século XXI.

Contudo, para a execução da peça jornalística que, neste caso, é um livro que descreverá histórias de amor em São Paulo através do gênero crônica, terá um processo diferente e mais prático, pois para reproduzir um *flâneur* seriam necessárias diversas saídas pela cidade para que fosse capaz de garimpar tais personagens, porém com a impossibilidade de “flanar-presencialmente” por conta da pandemia causada pelo vírus Covid-19, a ideia partirá de “flanar-digitalmente”, ou seja, buscar essas histórias utilizando as ferramentas online para garimpar os personagens sejam eles anônimos ou não, desde que contem suas experiências de forma a possibilitar o desenvolvimento das crônicas que retratem a cidade de maneira plural.

A escolha deste tema tem como justificativa a possibilidade de utilizar-se das crônicas para retratar minha cidade natal, São Paulo, que é uma paixão desde minha infância quando me deslumbrava com as luzes da Avenida Paulista, com o charme do antigo Elevado Costa e Silva, mais conhecido como “Minhocão”, e principalmente, com as pessoas que fazem a cidade, seja na correria louca de um paulistano, seja no encanto de um povo que abraça todas as culturas, ou seja, na liberdade de ser quem você é.

Sobre as crônicas, percebe-se a sua importância ao momento que se entende que tal gênero mostra-se útil e de fácil entendimento para o público em geral, trazendo informação e reflexão por meio de um texto mais leve e narrativo de forma que ainda consiga entreter o leitor.

Com isso afirmo que, não só João do Rio me inspirou para este projeto como outros grandes cronistas também, em alguns casos até com uma parcela maior de

participação. Em grande parte, estes escritores se utilizam das crônicas narrativas e descritivas.

Dois com grandes influências foram a Jornalista Eliane Brum, principalmente em suas obras: “A vida que ninguém vê” (2006) e “A menina quebrada” (2014); e Nelson Rodrigues, por muitos considerado o maior cronista esportivo brasileiro, com suas obras “A vida como ela é” (1992) e “A pátria de chuteiras” (1994).

Um jornalista que merece ser citado é o Fred Melo Paiva que escreveu o livro “Bandido Raça Pura: E outros 35 perfis de ilustres mais ou menos virtuosos, notáveis anônimos, cães, ratos, urubus e coisas supostamente inanimadas” (2014) além de ser o apresentador da série documental de televisão “O infiltrado” (2013-2014) que de forma magistral retratava algum tema que geravam aventuras com narrações roteirizadas por ele mesmo de maneira que tal texto se caracterizava como crônica.

Portanto, a cidade de São Paulo será a grande protagonista desse projeto, por meio da diversidade de seu povo em amar.

2. Referencial Teórico

2.1 São Paulo, Pessoas e o *Flâneur*

Ao ponto de entender qual é o tema deste livro de crônicas é possível que se assumam duas ideias: O livro é sobre amor em São Paulo e o livro é sobre a cidade. O livro abordará as relações construídas pela cidade.

O autor e antropólogo italiano, Massimo Canevacci¹, escreveu sobre a cidade de São Paulo e a definiu como uma cidade polifônica, ou seja, uma cidade de muitas vozes e signos.

Delinea-se assim, desde estas notas iniciais, uma cidade que se comunica com vozes diversas e todas coepresentes: Uma cidade narrada por um coro polifônico, no qual os vários itinerários musicais ou os materiais sonoros se cruzam, se encontram e se fundem (Canevacci, 1993, p.15).

¹ Massimo Canevacci nasceu em 12 de Agosto de 1942, é um antropólogo e escritor italiano. Famoso por ser um notório teórico da contemporaneidade e da cidade.

Ainda na obra “A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana” (1993) é possível enxergar uma reflexão em paralelo com o a figura do *flâneur*, pois seus estudos teve uma premissa interessante – a de se permitir a perde-se na cidade.

Estou convencido de que é possível elaborar uma metodologia da comunicação urbana mais ou menos precisa, com a seguinte condição: a de querer perder-se, de ter prazer nisso, de aceitar ser estrangeiro, desenraizado e isolado (Canevacci, 1993, p.15).

Ainda sobre o *flâneurs*, uma diferença entre os antropólogos e os *flâneurs* é que estudiosos como Massimo Canevacci buscam entender um povo e um local, já os *flâneurs* buscam vivenciar e retratar.

Ao errar entre as galerias e bulevares, ao passear pelos mercados, o *flâneur* é o ser que vê o mundo de uma maneira particular, sem a pretensão de explicar, mas com a intenção de mostrar, levando a vida para cada lugar que vê. Sua paixão é a exterioridade, na rua encontra o seu refúgio, desvincula-se da esfera privada, buscando sua identificação com a sociedade na qual convive (Massagli, 2008, p.56).

São Paulo acima de tudo é um personagem, é muito comum a cidade se personificar nas histórias relatadas. Como em ‘o Cortiço”, obra escrita por Aluísio Azevedo² e publicada em 1890, tem o ambiente e espaço cortiço como o protagonista. Exemplificado no livro por esse trecho abaixo

Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas. Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada, sete horas de chumbo. (Azevedo,1890, p.17).

Então vemos o maior representante de um *flâneur* no Brasil, João do Rio, dizer em sua principal obra que “Eu fui um pouco esse tipo complexo, e, talvez por isso, cada rua é para mim um ser vivo e imóvel.” (Rio, 1908, p.10). Logo, o ambiente ganha vida.

² Aluísio Azevedo (1857-1913) foi um escritor brasileiro. "O Mulato" foi o romance que iniciou o Movimento Naturalista no Brasil. Foi também caricaturista, jornalista e diplomata. É membro fundador da cadeira nº. 4 da Academia Brasileira de Letras. (eBiografia)

Ainda que, também, para o paulistano a cidade faça parte de si. Seja no coração ou na razão a cidade vive e nunca dorme. O poeta Mário de Andrade³ representou em seus textos o que é viver e amar São Paulo. A cidade foi personificada num poema fúnebre, onde mesmo “morto”, Mário, continuaria pulsando no corpo e nos sentidos da cidade.

No Pátio do Colégio afundem/ O meu coração paulistano:/Um coração vivo e um defunto/ Bem juntos. / Escondam no Correio o ouvido / Direito, o esquerdo nos Telégrafos, / Quero saber da vida alheia (Andrade, 1945, s/p).

Sendo assim, São Paulo se torna um local de estudo perfeito para se trabalhar como um *flâneur*. Já que a cidade se comporta como um cenário vivo e polifônico, que apesar de divergir nas opiniões, convergem exatamente na liberdade de ser diferente.

Sérgio Roberto Massagli comenta que a cidade seria o templo do *flâneur*, portanto um espaço sagrado. “Nela ele se depara com sua contradição: unidade na multiplicidade, tensão na indiferença, sentir-se sozinho em meio a seus semelhantes.” (Massagli, 2008, p.56).

Esta figura nasce essencialmente na França, porém antes de entender como essa figura surgiu, é necessário compreender como chegou a este nome. O substantivo “*Flâneur*” tem origem no verbo francês “*Flâner*” que significa “o ato de passear” ao longo dos anos se denominou um substantivo para os passeadores e observadores da cidade que, em certo ponto, se sucumbiu como uma figura importantíssima para sociedade francesa, muito representada pelo rosto do poeta francês Charles Baudelaire⁴.

Imagem que foi estudada por Walter Benjamin em diversas obras, fez com que os textos de Charles trouxessem para o filósofo alemão uma concepção do que seria o *Flâneur*. Para Benjamin é um espectador do mundo urbano que varia de um detetive amador para um botânico do asfalto.

³ “Mário de Andrade (1893-1945) foi um escritor brasileiro. Publicou "Pauliceia Desvairada" o primeiro livro de poemas da primeira fase do Modernismo. Estudou música no Conservatório de São Paulo. Foi crítico de arte em jornais e revistas. Teve papel importante na implantação do Modernismo no Brasil. Seu romance "Macunaíma" foi sua criação máxima. (eBiografia)”

⁴ “Charles Baudelaire (1821-1867) foi um dos mais influentes poetas franceses do século XIX. Foi considerado um dos precursores do Simbolismo. Inaugurou a modernidade da poesia que só foi reconhecida depois de sua morte. (eBiografia)”

No Brasil, João do Rio, pseudônimo do escritor e repórter Paulo Barreto é a figura mais conhecida que se utilizou de ser um *Flâneur* para escrever sobre a cidade do Rio de Janeiro no começo do século XX. Em especial no livro “A alma encantadora das ruas” publicado em 1908.

O *flâneur* é ingênuo quase sempre. Para diante dos rolos, é o eterno “convidado do sereno” de todos os bailes, quer saber a história dos boleiros, admira-se simplesmente, e conhecendo cada rua, cada beco, cada viela, sabendo-lhe um pedaço da história, como se sabe a história dos amigos (quase sempre mal), acaba com a vaga ideia de que todo o espetáculo da cidade foi feito especialmente para seu gozo próprio (Rio, 1908, p.9).

João é considerado o primeiro jornalista brasileiro a ir para as ruas para experienciar como eram as vidas dos personagens de cada matéria de forma que pudesse demonstrar e descrever o que viu nas ruas em suas crônicas. João do Rio era o repórter com alma e coração de *flâneur*.

Ele foi o primeiro grande repórter do rio, na verdade antes dele a imprensa era uma coisa de elite, os grandes intelectuais que escreviam artigos, os políticos que escreviam artigos, a ideia de uma imprensa voltada para a rua, para descobrir e descrever os bastidores da cidade... isso João do Rio foi pioneiro (De Lá Pra Cá, 2011).

João amava a rua, João amava o Rio. A partir de seus textos, o jornalismo mostra que todos somos iguais perante a rua. Independentemente do que temos ou de nossa aparência, a rua não diferencia. A rua nivela todos a apenas seres humanos.

Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós. Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos, com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agremia o amor da rua. É este mesmo o sentimento imperturbável e indissolúvel, o único que, como a própria vida, resiste às idades e às épocas. Tudo se transforma, tudo varia - o amor, o ódio, o egoísmo. Hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia, os séculos passam, deslizam, levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis. Só persiste e fica, legado das gerações cada vez maior, o amor da rua (Rio, 1908, p.6).

2.2 Crônica, Jornalismo e Livro reportagem.

No Brasil, há uma rica coletânea de gêneros literários, em especial, as crônicas que se tornaram uma das mais populares, tal gênero consiste em textos curtos, breves e banais sobre o cotidiano vivido no mundo urbano que normalmente são histórias corriqueiras que retratam e criticam algo da sociedade.

No dicionário, percebe-se que há muitas abordagens nas definições de crônica, no primeiro exemplo retirado do Michaelis online é visto uma explicação atuando em três vertentes: Narração, jornalística e literária.

1 Narração histórica pela ordem do tempo em que se deram os fatos.
/2 JORN Seção em jornal ou outro periódico assinado, na qual o autor expõe suas ideias e tendências sobre arte, literatura, assuntos científicos, esporte, notas sociais, humor etc./3 LIT Conto pequeno cuja trama é indeterminada (Michaelis online).

No outro exemplo temos um foco maior na questão cronológica e temporal provocada pelos escritos do gênero. Por último, há uma referência a seção jornalística assim como a citação acima, porém aqui se define essa seção como comentários sobre os fatos ou notícias.

Gênero literário que consiste na apreciação pessoal dos fatos da vida cotidiana. [Literatura] Coletânea de fatos históricos, de narrações em ordem cronológica: a "Crônica de D. Fernando", de Fernão Lopes. Conjunto de notícias que circulam sobre pessoas. Seção de um jornal em que são comentados os fatos, as notícias do dia: crônica policial (Dicio online).

É interessante notar também como diversos sites educativos abordam o conceito de crônica, o primeiro exemplo busca explicar o conceito através da origem e da etimologia da palavra, além de trazer dados históricos da criação do gênero literário.

Crônica é o tipo de texto que aborda acontecimentos do dia a dia de uma forma diferenciada. Muito encontrada nos meios de comunicação como revistas, jornais e rádios, tem como objetivo fazer uma análise crítica das situações cotidianas, possibilitando ao leitor uma reflexão sobre aquele assunto. A palavra deriva do latim *chronica*, que significa narrativa cronológica. A primeira crônica data de 1799 e foi publicada no *Jornal des Débats*, em Paris. No Brasil, ela passou a ser conhecida na metade do século XIX e era publicada em folhetins (Lopes, 2018).

O segundo conceito escrito por Fernando Marinho para o site “Brasil Escola” demonstra dois tipos de crônicas: a narrativa que busca contar uma história por meio de uma certa ótica e a jornalística que mistura a narração com argumentos que levam o leitor a uma reflexão sobre determinado assunto.

De algum modo, é possível dizer que existem dois tipos de crônica: as narrativas e as jornalísticas. Crônica narrativa: são aquelas que não apresentam estruturas textuais argumentativas ou reflexivas predominantes. Nesse caso, a crônica pode ser definida como um gênero literário marcado pela narração de situações cotidianas sob uma ótica individual. Crônica jornalística: Diferentemente da anterior, as crônicas jornalísticas misturam as tipologias textuais narrativa e argumentativa. Isso porque, a partir da narração de fatos cotidianos, os cronistas de jornal promovem reflexões e desenvolvem teses e argumentos (Marinho, 2020).

A popularização se deve também ao espaço que é cedido ao gênero nos jornais, o que também fez com que muitos jornalistas praticassem a crônica como meio de informar e fazer jornalismo. O que acabou gerando as Crônicas Jornalísticas.

A produção de crônicas está diretamente ligada à difusão da imprensa na sociedade. Foi por meio dos jornais que, a priori, as crônicas começaram a circular na vida dos cidadãos. Entretanto, se esse espaço de publicação ainda é o mais utilizado pelos cronistas, os tipos de crônicas que existem são diversos (Marinho, 2020)

Algo que a crônica fornece ao leitor que, dificilmente, é visto nos textos corriqueiros do jornalismo que se baseiam apenas em pirâmide invertida é: A emoção por meio de uma contextualização literária.

O que se questiona é o caminho que a crônica percorreu até se tornar um livro, pois para muitos autores eram um gênero mais pobre e que apenas se segmentava nos jornais. Como disse Antônio Candido: “não foi feita originariamente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha (Candido, 1992, p 90).”

Outro ponto é quando o jornalismo, seja ele em crônica ou não, assume uma linguagem que não segue ideias da pirâmide invertida e assim usufrui do texto literário. Assim se mostrando em uma outra vertente e até mais vendável e prazerosa. Pois o texto foca na informação sim, porém sem esquecer de uma boa contextualização e da tentativa de colocar o leitor dentro da situação e do próprio imaginário como um bom livro faz.

Inicialmente, é o jornalismo que bebe na fonte e na “boêmia” literária. Depois, é a literatura que descobre no jornalismo um meio de repensar sua prática, através da realidade efetiva com um “sabor literário”, baseado na precisão da textualidade, clareza e simplicidade. Ou seja, a literatura retira temáticas do jornalismo que podem construir a realidade de suas histórias (Oliveira, 2006).

Desta forma, é interessante imaginar-se que a crônica impulsionou o novo modelo de jornalismo e possibilitou a transição das páginas diárias para os livros. Hoje jornalismo não é apenas algo corriqueiro e, sim, algo profundo e que também traz prazer ao ler.

3. Planejamento de Peça

3.1 Concepção inicial

A ideia inicial do projeto é a construção de um livro de crônicas com o tema relacionado a dois tópicos: histórias de amor e a cidade de São Paulo. Em específico, as crônicas serão do gênero narrativo e descritivo, para que seja possível um detalhamento mais profundo dos personagens e das histórias. A partir dos relatos transmito ao longo do livro a sensibilidade, emoção e opinião dos próprios personagens, porém, em contraponto insiro a minha experiência e sensibilidade da situação, assim, colocando a figura do *flâneur* em prática, observador que se coloca no lugar para “experenciar”.

Para a produção desta peça, a concepção pré-pandemia visava vivenciar as ruas, ou seja, me inserir na cidade de maneira que eu fizesse parte dela como um observador da sociedade urbana ou utilizando a definição mais arcaica, um poeta da cidade. Entretanto com o avanço da Covid-19 a ideia amadureceu para o *flâneur* digital, logo, as histórias foram garimpadas por meio de ferramentas online, um passeio pelas diversas redes e espaços virtuais.

3.2 Linguagem e estilo da peça

Em essência, este livro busca um texto mais literário, utilizando crônicas, porém sem perder o caráter jornalístico de descrição e fatorialidade, logo, por meio das histórias relatadas mostro São Paulo e as pessoas que, na minha visão, são a cidade. Portanto o texto literário foi extremamente necessário para que a descrição transmitisse sensações ao leitor.

Este projeto tem como principal referência estilística no âmbito da escrita o João do Rio, além de forma secundária outros autores brasileiros também aparecem como inspiração: Antônio Prata; Eliane Brum; Fred Melo Paiva e Luís Fernando Verissimo. Entretanto quando se coloca o olhar para fora do Brasil, a principal inspiração é a coluna do jornal New York Times, *Modern Love*, na qual semanalmente se conta histórias de amor na cidade. Tal coluna já soma dezessete anos de existência contanto com adaptações para o Audiovisual, seja no podcast ou a série televisiva de mesmo nome.

As crônicas foram escritas de maneira que os personagens levassem o leitor a identificação e visualização dos cenários, por isso escolhemos deixar apenas o primeiro nome da grande maioria dos personagens, com exceção de alguns casos, assim também trazendo maior proteção a fonte e sigilo nas histórias.

A linguagem visual e o projeto gráfico se constroem a partir dos textos, cada história é antecedida por uma ilustração desenhada especialmente de acordo com elementos e referencias do enredo. Como será explicado no próximo tópico temos 16 textos, sendo doze crônicas e quatro passagens, para diferenciar o tipo dos textos de forma visual, as ilustrações referentes as passagens receberam um fundo preto e linhas brancas, enquanto as crônicas um fundo natural com linhas pretas criando uma ideia de positivo e negativo.

As ilustrações foram desenhadas com o estilo de linha contínua com a intenção de criar um efeito de conexão entre as histórias por meio da cidade e com o próprio nome do livro: **Entrelaços Paulistanos: Crônicas em uma cidade apaixonante**. Tal ideia remete aos laços construídos na cidade que por muitas vezes se enroscam formando esses emaranhados, por isso a capa do livro leva uma ilustração do característico poste de luz com fios de energia entrelaçados, que se espalham por toda a cidade. Ainda na diagramação das páginas utilizou-se de uma linha que sempre

está na altura do início e final dos desenhos para dar a ideia de estar tudo interligado no livro.

3.3 Organização narrativa

A organização narrativa se faz presente da seguinte forma: o livro é composto por dezesseis textos, sendo eles doze crônicas e quatro passagens. Cada texto será um capítulo do livro.

As passagens serviram como reflexão, introdução e harmonização dos capítulos, todos os textos foram divididos em quatro grupos formados por quatro textos. Cada grupo é composto de uma passagem e três crônicas que tenham algum tema em comum, estes grupos levam tais temas: Construção de Lar (casa), Primeiros encontros, Amores interrompidos e o Tempo de São Paulo.

Durante a harmonização do livro, um quesito analisado e determinante foi que estes grupos tivessem histórias longas, médias e curtas para que no final somassem uma quantidade parecida de páginas.

3.4 Fontes

A metodologia para a busca e seleção de fontes se baseou em três vertentes, são elas: um formulário a ser respondido espalhado em diversas redes sociais e grupos para atingir o maior número de pessoas; o contato direto com personagens já indicados por demais fontes ou que se encaixassem no perfil; e pela troca de experiências e conversas, o popular: “boca a boca”.

De maneira mais clara, o formulário foi um espaço para apresentação e primeiro contato da fonte com o projeto, o interessante no ato de espalhar pela web é que se torna possível percorrer um espaço maior do que nas ruas.

A aceitação do formulário foi bem ativa e por esse meio foram selecionadas cinco histórias que estão no livro, as demais chegaram a meu conhecimento através de conversas e indicações. Durante o processo de produção mais de trinta histórias foram ouvidas somando um número aproximado de quarente fontes escutadas que

trouxeram visões externas de uma história já contada. As entrevistas das histórias escolhidas foram gravadas e somaram mais de vinte horas de material bruto.

Um dos pontos importantes e de conceito do trabalho é a pluralidade nas fontes, assim obtendo uma pluralidade de histórias. Por isso as crônicas relatam histórias de casais heterossexuais e de casais LGBTQI+, de diversas famílias, de várias regiões da cidade e de muitas classes sociais e idades.

3.5 Providência de Produção

Os equipamentos utilizados para a execução deste projeto ficam no campo tecnológico como computadores, celulares, softwares e demais componentes necessários para escrita e diagramação.

As ilustrações foram feitas pelo artista e animador Lucas Reis, de acordo com minhas diretrizes e pedidos. A diagramação teve a ajuda da designer Giovanna Helena na utilização dos softwares: Adobe Indesign e Adobe Illustrator.

Muito dos materiais usados nos brainstorms das histórias foram enviados pelas próprias fontes, como vídeos e fotos que trouxeram riqueza nos detalhes de seus relatos, além claro das gravações de todas as entrevistas.

4. Considerações finais

Acredito que a execução do trabalho teve um resultado esperado, pois atingiu o seu objetivo principal que visava a realização de um livro com um copilado de crônicas narrativas, descritivas e de *flâneur* que retratassem a cidade de São Paulo por meio de histórias verídicas de amor na cidade. Bem como o objetivo secundário que buscava compreender a maneira que João do Rio apresentava seus personagens e ambientes em seus textos, o que também foi concluído e usado como inspiração para a peça final.

A situação problema: Como retratar a cidade de São Paulo por meio de histórias de amor utilizando-se de crônicas? Foi respondida através das histórias que foram

contadas, após longa apuração e busca por personagens que pudessem retratar figuras e contextos da cidade de forma factual o cotidiano.

O referencial teórico escolhido foi perfeito, principalmente no quesito de autores que serviram como inspiração. Na questão do *flâneur*, temos João do Rio que é a primeira referência do movimento no Brasil. Os demais cronistas também citados como Antônio Prata; Eliane Brum; Fred Melo Paiva e Luís Fernando Verissimo trabalham muito bem a construção de personagens, perfis, cenários em seus textos, assim proporcionando todo um embasamento prático necessário para a execução e desenvolvimento do livro.

É importante considerar que apesar do referencial ter se mostrado efetivo na questão de autores escolhidos, houve momentos de dificuldade na pesquisa, como quando se buscava material teórico sobre a figura do *flâneur* e dos estudos antropológicos da cidade de São Paulo numa visão contemporânea e estes conteúdos mostraram-se escassos e de difícil acesso.

Este trabalho mostrou-se importante, pois pretendeu resgatar a figura do *flâneur* que por muitas décadas permaneceu enterrada, além de trazer a importância da crônica no mundo jornalístico, onde diversas vezes o leitor busca um alívio das hard News e sem perceber absorve conteúdo crítico e reflexivo.

Vale ressaltar que como contribuição para minha vida acadêmica, profissional e pessoal, este Trabalho de Conclusão Curso teve grande impacto no meu desenvolvimento, trazendo experiências, oportunidades e conhecimentos.

Por fim, o produto, ou seja, o livro, além de fazer parte do meu processo de conclusão de curso, futuramente tem potencial para ser publicado e distribuído para o público.

Referências Bibliográficas

ANDO, M. Y. **Sob o olhar do flâneur**: características da crônica em uma narrativa de Lygia Bojunga - doi: 10.4025/actascilangcult.v35i3.12289. Acta Scientiarum. Language and Culture, v. 35, n. 3, p. 203-210, 27 mar. 2013.

ANDRADE, Mário de. **Lira Paulistana**. São Paulo, 1945.

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. Rio de Janeiro, 1890.

BIONDILLO, Rosana. **Walter Benjamin e os caminhos do flâneur**. 2014. 142 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <http://repositorio.unifesp.br/bitstream/handle/11600/39273/Publico-39273.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 out. 2020.

BRESCIANI, Maria Stella. **A CIDADE**: objeto de estudo e experiência vivenciada. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, [S.L.], v. 6, n. 2, p. 9-26, nov. 2004. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (RBEUR). <http://dx.doi.org/10.22296/2317-1529>. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/113/97>. Acesso em: 20 out. 2020.

CANDIDO, A. "A vida ao rés-do-chão". A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica**: ensaios sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

DE LÁ PRA CÁ, Rio de Janeiro: TV Brasil, 2011. Programa de TV.

DIANA, Daniela. **Crônica**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/cronica/#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20cr%C3%B4nica%3F,de%20acontecimentos%20corriqueiros%20do%20cotidiano>. Acesso em: 17 set. 2020.

DICIO: Dicionário online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/cronica/#:~:text=substantivo%20feminino%20G%C3%A9nero%20liter%C3%A1rio%20que,Fernando%22%2C%20de%20Fern%C3%A3o%20Lopes>. Acesso: 21.nov.2020.

DUZ, Adriana. **Flanêur(ismo)**. 2016. Disponível em: <http://www.observatorioculturaecidade.ufscar.br/acervo/resenhas/flaneurismo-2/>. Acesso em: 17 set. 2020.

Ebiografia. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/>. Acesso em: 20 out. 2020

FERREIRA, Raquel Linares. **O gênero crônica e suas peculiaridades tipológicas**: texto e discurso nas modalidades oral e escrita. 2016. Dissertação (Mestrado) - Curso de Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/14379#preview-link0>. Acesso em: 17 set. 2020.

LOPES, Adriana. **Crônica: Gênero textual que consiste na narração de fatos do cotidiano de forma diferenciada.** Brasil + educa. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/lingua-portuguesa/cronica> Acesso: 21.nov.2020.

MARINHO, Fernando. "**Crônica**"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/redacao/cronica.htm>. Acesso: 22.nov.2020.

MASSAGLI, Sérgio Roberto. Homem da multidão e o flâneur no conto "O homem da multidão" de Edgar Allan Poe. **Terra Roxa e Outras Terras**: Revista de Estudos Literários, São José do Rio Preto, v. 12, p. 55-65, jun. 2008. Mensal. Disponível em: [file:///C:/Users/lucas/Downloads/24854-111426-1-SM%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/lucas/Downloads/24854-111426-1-SM%20(1).pdf). Acesso em: 19 out. 2020.

MICHAELIS online: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=cronica> . Acesso: 21.nov.2020.

OLIVEIRA, Priscila Natividade Dias Santos. **Jornalismo Literário**: como o livro-reportagem transforma um fato em história. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Salvador, p. 1-15, ago. 2006. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0717-1.pdf>. Acesso em: 20 out. 2020

PRASABER. **O que é crônica e suas características?** Disponível em: <https://www.pravaler.com.br/o-que-e-cronica-e-suas-caracteristicas/>. Acesso em: 17 set. 2020.

PRAVALER. **O que é Crônica?**. Disponível em: <https://www.pravaler.com.br/o-que-e-cronica-e-suas-caracteristicas/> Acesso: 20.nov.2020.

RIO, João do. **A Alma Encantadora das Ruas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1908

SOUSA, Patricia de Castro. **João do Rio**: o repórter com alma de flâneur conduz a crônica-reportagem na belle-époque tropical. 2009. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/9806/SOUSA%2c%20PATRICIA%20ODE%20CASTRO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 19 out. 2020.

